

ENCONTRO EM LISBOA COM D. HENRIQUETA MADALENA

João Alves das Neves

Até há pouco tempo, os arquivos de Fernando Pessoa — uma lendária arca onde o escritor guardou e classificou boa parte dos 27 mil textos que hoje estão na Biblioteca Nacional de Lisboa — estavam numa casa do Estoril. A ex-depositária dos manuscritos, Henriqueta Madalena Nogueira Rosa, agora é, ela própria, o último arquivo. Como única irmã viva, como última memória da vida do poeta de Mensagem.

Foram quatro visitas a esta casa do Estoril. Na última, em julho deste ano, esta senhora de cabelos brancos, ainda lúcida e sem aparentar seus 91 anos, falou mais uma vez do irmão que tinha por ela «autêntica adoração». Que ela prova falando da convivência, das preocupações trocadas entre os dois e revelando o poema «Teca», dedicado por Pessoa a ela.

Qual é a mais antiga recordação que tem de Fernando Pessoa?

A irmã Teca recorda com maior facilidade o passado do que as coisas recentes. Ela é a primeira filha do segundo casamento de sua mãe Maria Madalena Pinheiro Nogueira, com o oficial da Marinha e diplomata João Miguel Rosa. Do primeiro nasceram Fernando Antônio e Jorge (1893/94) e do segundo Henriqueta Madalena (1896), Madalena Henriqueta (1898/1900), além de Luís Miguel (1900) e João (1902), que viveram longos anos na Inglaterra, e Maria Clara (1904/06). E vai lembrando episódio atrás do outro. Depois da mãe, foi, entre os familiares, quem mais tempo conviveu com Fernando Pessoa.

— Lembro-me de que ele, ainda pequeno, inventava jogos para me distrair: reunia bonecos e dados, em cima da mesa, e jogava para mim, enquanto a mãe e o pai tocavam piano e flauta. O Fernando sempre gostou de música...

E como era ele, na adolescência?

— Não era muito expansivo, mas quando escrevia alguma coisa (e bem cedo começou) pedia à mãe que desse opinião. E até mesmo a mim e aos meus irmãos. Recordo-me de que, mais tarde, já em

Lisboa, na casa onde morávamos todos, na rua Coelho da Rocha (onde ele depois viveria sozinho, até que o levaram para o hospital, onde morreu), ele chegava às vezes junto de nós e confessava: «Passei mal a noite. Escrevi isto. Querem ouvir?» E lia o que escrevera.

Interrompe-se, pensa. E volta a contar:

— O Fernando nunca foi tagarela. Mas, quando adulto, dizia-nos coisas sobre os amigos, contava episódios e conversas entre eles. Falava do Antônio Botto, do Augusto Ferreira Gomes, do Da Cunha Dias. Outras vezes, se estava bem disposto, contava até anedotas, e contava-as muito bem, com imensa graça. Era tímido e retraído, fora de casa, mas conosco abria-se, conversava à vontade. Tinha uma enorme paciência comigo e com nossos irmãos, todos mais novos do que ele, brincava conosco, distraía-nos. Uma inclinação que, de resto, manteve a vida inteira, pois, quando vinha à nossa casa do Estoril, nos fins de semana, conversava com os meus filhos, brincava e divertia-se com eles, sempre paciente.

Que tipo de vida fez ele, depois da morte de sua mãe?

— O Fernando foi sempre muito cuidadoso com as suas coisas. Vestia-se com uma discreta elegância, mas sem nenhum luxo. Quando passou a morar sozinho, uma mulher-a-dias tratava da roupa dele e arrumava a casa; era muito bondosa, simples, educada para toda a gente. Acerca dos seus hábitos, direi que ele, se não ficava em casa para escrever ou ler, ou se não tinha encontros marcados com os amigos, ia sempre que possível aos concertos — sei que preferia o teatro São Luís (hoje Municipal), optando pelos lugares menos caros. Apreciava imenso a música clássica. E compreendia-a, pois desde criança se habituara a escutar a mãe tocando piano: Chopin, Beethoven e outros clássicos.

Como eram os contatos de seu irmão com a mãe?

— O Fernando adorava a nossa mãe. Como sabe, ficamos muitos anos separados, e quando regressamos da África do Sul a mãe já se encontrava muito doente, mal podia andar, havia tido uma congestão cerebral. Mas o Fernando conversava bastante com a mãe, falava de coisas literárias e constantemente lia para ela o que escrevia, pedindo a opinião. Com a mãe, foi sempre muito meigo, muito bondoso, não faz idéia. E a morte de nossa mãe foi para o Fernando (e para todos nós) um desgosto profundo. Para ele, uma perda irreparável.

Na mesma sala, sua filha Manuela e a neta Isabel pouco interrompem o relato.

— Ficamos três irmãos, além do Fernando, pois morreram duas meninas. Os outros dois rapazes, Luís e João foram estudar na Inglaterra, mas vinham passar as férias em Lisboa. De modo que fui eu quem mais acompanhou o Fernando. Entendiamos-nos perfeitamente, às vezes a nossa conversa prolongava-se até altas horas da noite.

Uma troca de assunto e tempo:

— Nesta casa do Estoril, ele veio passar numerosos fins de semana e, não raro, ficava por aqui mais uns dias. Trazia livros, lia e escrevia, vinha conversar conosco. Brincava com os meus filhos. Era um lugar de repouso e descontração. Aliás, ele gostava muito do Estoril. O nosso relacionamento foi sempre o melhor possível. Ele dedicava-nos um extraordinário carinho, era assim com toda a família, e em particular com a mãe, enquanto ela foi viva. Nesta casa do Estoril havia um quarto — era «o quarto do tio Fernando».

Há cartas ou outros documentos sobre as relações familiares de Fernando Pessoa?

— Há sim, bem como poemas. «Quando ela passa» fôï dedicado à nossa irmã, Madalena Henriqueta, que morreu com pouco mais de dois anos e meio. E também me dedicou poemas, um dos quais tem o nome de «Teca», que é o meu nome familiar...

Teve contatos freqüentes com Fernando Pessoa nos últimos tempos da sua vida?

— Sempre. Esteve nesta mesma casa do Estoril 8 dias antes de morrer. E recordo-me perfeitamente que se despediu com a melhor das disposições: «Até para a semana!» Nunca mais esquecerei que houve nessa altura um temporal, e ficamos sem telefone. Eu partira uma perna... O Fernando pediu ao Manassé (seu vizinho e seu barbeiro) que colocasse no correio o telegrama felicitando-me pelo aniversário (em 27 de novembro), mas esse episódio foi já relatado pelos biógrafos. Ele não telefonou... Sentia-se mal, foi hospitalizado no dia 28, quando recebi — com atraso — o telegrama de felicitações de meu irmão... Morreu passados dois dias...

D. Manuela Nogueira Murteira interrompe-nos:

— Lembro-me com nitidez de que, quando soubemos da morte do tio Fernando, fiquei muito chocada. Não quis acreditar. Não quis falar da morte dele. Distraí-me a jogar «a macaca»... mas não pude esquecê-lo, e cada instante lembrava as brincadeiras com ele, embora eu fosse bem pequena. Uma delas era a do barbeiro — eu fingia que lhe fazia a barba:

— Unhas e barbas? — perguntava eu.

E ele respondia:

— Hoje só barba...

Eu ia buscar uma toalha, ele sentava-se e eu ensaboava-lhe a cara toda e ele ficava quieto, eu ia buscar uma faquinha de cortar papel e fazia-lhe a barba. Depois, com um pano úmido, limpava-lhe o rosto... O tio Fernando fingia de cliente e eu fingia de barbeiro.

— As unhas, sr. Pessoa?

— Não, hoje não.

Barba e unhas, 10 tostões. Uma fortuna. Pelo menos para mim, era uma fortuna...

— Estava sempre bem disposto. Sei agora que também tinha depressões — era quando ia para o quarto e lá ficava, em silêncio, talvez lendo ou refletindo. Nunca o vi discutir com ninguém. E conosco, com as crianças, nem uma palavra mais áspera...

— É verdade que ele só viveu de traduções no decurso de boa parte de sua vida?

— O Fernando teve sempre uma vida muito cheia de trabalho — esclarece D. Henriqueta Madalena. E a obra que deixou confirma que ele nunca parou... ainda que pouco mais conhecesse, então, do que o trabalho que fazia nos escritórios, onde foi «correspondente comercial».

Recorda como é que ele trabalhava?

Pelo que sei, ele não era de rascunhos: escrevia diretamente à máquina, fosse em português, inglês ou francês. Foi um autodidata. Tudo o interessava. De resto, era uma pessoa bem informada. Inclusive sobre temas econômicos, a respeito dos quais discutia muito com meu marido, que era um especialista em questões comerciais e que fundou a hoje bem conhecida **Revista de Contabilidade e Comércio**, na qual o Fernando publicou numerosos artigos, ainda atuais, ao que dizem.

O que mais tem a dizer de seu irmão Fernando Antônio Nogueira Pessoa?

— Que era um homem com bons sentimentos. Um homem muito bem educado. Um homem bom...